

ARTIGO RECEBIDO: 15/12/2023 – APROVADO: 22/03/2024 - PUBLICADO: 30/04/2024

DISSEMINAÇÃO DO DISCURSO DE ÓDIO EM PLATAFORMAS DIGITAIS: ANÁLISE NETNOGRÁFICA DA GORDOFOBIA

DISSEMINATION OF HATE SPEECH ON DIGITAL PLATFORMS: NETNOGRAPHIC ANALYSIS OF FATPHOBIA

DIFUSIÓN DEL DISCURSO DEL ODIO EN LAS PLATAFORMAS DIGITALES: ANÁLISIS NETNOGRÁFICO DE LA GORDOFOBIA

*Ayrana Gomes Ferreira*¹; George Leonardo Seabra Coelho²*

¹ Curso de História, Campus Porto Nacional, Universidade Federal do Tocantins, Brasil;

² Curso de História, Campus Porto Nacional, Universidade Federal do Tocantins, Brasil;

*Correspondência: ayranagferreira@hotmail.com / george.coelho@hotmail.com

RESUMO

A crescente influência das mídias digitais em nossas vidas coloca as questões cotidianas no centro dos discursos on-line. Dessa forma, o presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de apresentar uma análise do discurso de ódio gordofóbico. A metodologia da netnografia nos ajudou no mapeamento das dinâmicas nos processos de comunicação entre os seguidores e não seguidores de perfis no Instagram, onde observamos as interações on-line como, comentários, postagens e discussões em fóruns específicos, com intuito de compreender a dinâmica social e cultural que alimenta a gordofobia digital. A pesquisa também investigou as políticas de moderação das plataformas e seus papéis na contenção desse discurso prejudicial, bem como analisou o equilíbrio entre a liberdade de expressão e a segurança on-line. Os resultados obtidos demonstram a presença ubíqua das mídias digitais em nossa vida cotidiana e suas influências na amplificação de questões rotineiras. Além disso, este estudo destaca que o debate sobre o discurso de ódio não está confinado apenas ao campo jurídico, mas também é uma questão relevante na historiografia, mostrando caminhos para que tais temas sejam esmiuçados em sala de aula, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Palavras-chave: Gordofobia. Discurso de ódio. Cultura digital. Ensino de História.

ABSTRACT

The growing influence of digital media in our lives puts everyday issues at the center of online discourse, so this paper was developed with the aim of presenting an analysis of hate speech. The methodology of netnography helped us to map the dynamics of the communication processes between followers and non-followers of digital platforms, where we observed online interactions such as comments, posts and discussions in specific forums, seeking to understand the social and cultural dynamics that feed digital fatphobia. The research also investigated the platforms' moderation policies and their role in containing

this harmful discourse, as well as analyzing the balance between freedom of expression and online safety. The results obtained demonstrate the ubiquitous presence of digital media in our daily lives and its influence in amplifying routine issues. In addition, this study highlights that the debate on hate speech is not only confined to the legal field, but is also a relevant issue in historiography, showing ways for such issues to be scrutinized in the classroom in accordance with the National Common Curriculum Base (BNCC).

Keywords: Fatphobia. Hate speech. Digital culture. History teaching.

RESUMEN

La creciente influencia de los medios digitales en nuestras vidas pone los temas cotidianos en el centro del discurso online, por lo que este trabajo se desarrolló con el objetivo de presentar un análisis del discurso del odio. La metodología de la netnografía nos ayudó a mapear las dinámicas de los procesos de comunicación entre seguidores y no seguidores de plataformas digitales, donde observamos interacciones online como comentarios, posts y discusiones en foros específicos, buscando entender las dinámicas sociales y culturales que alimentan la gordofobia digital. La investigación también investigó las políticas de moderación de las plataformas y su papel en la contención de este discurso dañino, así como el análisis del equilibrio entre la libertad de expresión y la seguridad en línea. Los resultados obtenidos demuestran la omnipresencia de los medios digitales en nuestra vida cotidiana y su influencia en la amplificación de cuestiones rutinarias. Además, este estudio pone de relieve que el debate sobre el discurso del odio no sólo se circunscribe al ámbito jurídico, sino que también es un tema relevante en la historiografía, mostrando vías para que estas cuestiones sean analizadas en el aula de acuerdo con la Base Curricular Nacional Común (BNCC).

Descriptor: Gordofobia. Discurso del odio. Cultura digital. Enseñanza de la historia.

INTRODUÇÃO

Desde tempos imemoriais, os seres humanos têm demonstrado a habilidade contínua em reinventar seus meios de comunicação. Essa trajetória abrangiu uma diversidade de formas de interação, incluindo a comunicação por meio de gestos, a expressão pictórica nas pinturas rupestres, a captação e interpretação de sinais, o desenvolvimento da fala e da escrita, o advento dos jornais, rádio e televisão. Entretanto, apenas no ano de 1876, Alexander Graham Bell – um cientista norte-americano de origem escocesa – logrou uma inovação notável ao conceber o telefone, um sistema de telecomunicações inovador que permitia a transmissão de som por meio de sinais nas redes elétricas. E um século depois, na década de 1970, presenciamos a criação dos primeiros computadores pessoais, os quais desempenharam um papel precursor no que atualmente denominamos de revolução da comunicação digital (Mattos, 2013).

É inegável que, na contemporaneidade, a dinamicidade dos meios de comunicação e difusão de ideias são feitas pelas redes sociais digitais, entre elas, *Instagram* e *FaceBook*, nos quais encontramos a proliferação de diversos discursos de ódio. De acordo com Potiguar (2015), essa categorização pode ser definida como um

discurso que exprime uma ideia de ódio, desprezo ou intolerância contra determinados grupos, menosprezando-os, desqualificando-os ou inferiorizando-os pelo simples fato

de pertencerem àquele determinado grupo, motivado por preconceitos ligados à etnia, religião, gênero, deficiência, orientação sexual, nacionalidade, naturalidade, dentre outros (Potiguar, 2015, p. 11).

Segundo Moura (2016), a grande preocupação frente aos discursos de ódio na Internet é quando ele sai do ciberespaço e adentra – mesmo que de maneira sutil – os diversos espaços sociais, como a escola, o trabalho, ou seja, a vida social fora da Internet. Para o autor,

o discurso de ódio é um fenômeno social e midiático que se tornou um problema de “segurança pública” para os Estados.” O autor também ressalta o seguinte: “Por meio da rede os indivíduos cometem ilícitos, propagam mensagens de conteúdo violento, podendo assim, violar os direitos dos demais usuários. Essa questão factual não é exatamente nova, porém na rede adquire propagação abstrata e intensificada, podendo transformar uma mensagem publicada em rede social mediada por computadores (Facebook, Twitter, etc.) em preocupante campanha de incentivo à intolerância. Inicialmente criadas com intuito comercial e publicitário, as redes sociais (Facebook, Twitter, etc) logo se tornaram espaço de sociabilidade e aproximação de sujeitos, dado sua capacidade de conexão imediata, entretanto, paulatinamente foram também se transformando em veículos facilitadores para a propagação e expansão de um chamado “discurso de ódio” (Moura, 2016, p. 2).

Já Brugger (2010) entende que o discurso de ódio ultrapassa as barreiras da liberdade de expressão¹ e invade o espaço dos direitos civis. Para esse autor, de “acordo com a maioria das definições, o discurso de ódio refere-se a palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas²” (Brugger, 2010, p. 118). Seguindo a mesma linha de raciocínio, Sena (2023) chama a atenção para a ilegitimidade de qualquer discurso de ódio. Como apontado, os ataques provenientes dos discursos de ódio podem ser raciais, de gênero, nacionalidade (xenofóbicos), sexualidade e/ou religião. É nesse contexto que este artigo se insere, pois nosso objetivo é propor um debate no meio acadêmico que traga um projeto/proposta ao fazer uso as mídias digitais como base para iniciar o diálogo com a seguinte temática: discurso de ódio na Internet disseminado por meio de aplicativos e plataformas de comunicação.

Diante disso, é possível analisar que as mesmas redes sociais digitais que proporcionam a aproximação das pessoas, também podem causar danos irreversíveis quando a liberdade de expressão se confunde com o discurso de ódio. Essas redes sociais digitais facilitam, ainda, a propagação de *Fake*

¹ No Brasil, o conceito de “liberdade de expressão” é um dos pilares da democracia, já que é a partir dessa premissa que ocorre o afastamento da ideia de censura, isto é, a base de governos autoritários. A liberdade de expressão é uma conquista legislativa de toda a humanidade, pois é ela que apoia os direitos fundamentais das pessoas.

² Entendemos que a *Internet*, como popularmente se diz, não é “terra sem lei”, pois existe um código de leis específicas que regem o mundo real e cuidam da parte da responsabilização do indivíduo por crimes cometidos por ele nas redes sociais digitais. O Marco Civil da *Internet*, instituído pela Lei n. 12.965, de 23 de abril de 2014, possui como objetivo estabelecer princípios, garantias, direitos e deveres para seu uso no Brasil, bem como regular como se daria, nesse contexto, a atuação da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

News, abusos e crimes, que, muitas vezes, não são punidos devido a dificuldade de identificação de usuários que cometem diversas dessas infrações. Como meio de coibir tais práticas, o Projeto de Lei n. 7.582/2014 apresentada pela parlamentar Maria do Rosário propôs definir crimes de ódio e intolerância, assim como apresentou meios de responsabilizar indivíduos que cometam crimes de discurso de ódio e intolerância por meio da Internet.

Com base nesses apontamentos iniciais, a problemática desta pesquisa parte da análise sócio-histórica que orienta a seguinte questão: Como a propagação dos discursos de ódio gordofóbico se estabeleceu na sociedade? Como perfis no *Instagram* se posicionam contra esse discurso de ódio? E, por fim, como o Ensino de História pode abordar estas questões? Por meio dessas problemáticas, pretendemos promover estratégias para combater o discurso de ódio gordofóbico nas redes sociais digitais – neste estudo analisaremos apenas o perfil “Movimento Corpo Livre” no *Instagram* –, bem como nas aulas de História na Educação Básica.

MATERIAIS E MÉTODOS

A etnografia é um termo complexo que pode ter diferentes interpretações dependendo da área de estudo (como Antropologia, Comunicação, Educação, História, Geografia, Linguística) e do pesquisador que o utiliza (Polivanov, 2014). Nessa perspectiva, Geertz (1978 *apud* Polivanov, 2014), ressalta que o objetivo principal da etnografia é criar descrições detalhadas das práticas sociais de indivíduos ou grupos e, ao mesmo tempo, entender diferentes aspectos culturais. O papel do etnógrafo vai além de apenas relatar eventos e experiências, pois seu papel é explicar como essas experiências e dinâmicas sociais constroem significados.

Como nossa pesquisa se propõe a analisar práticas culturais na *Internet*, como podemos nos apropriar das práticas etnográficas neste estudo? Vale acrescentar que por mais que se entenda o ciberespaço como um lugar, diversos autores defendem o uso de terminologias diferentes para a metodologia da etnografia. Assim surgiram alguns termos, entre eles, “etnografia virtual” e “netnografia”, termos que são formas de demarcarem as especificidades das pesquisas realizadas em ambientes digitais. Embora preservem as características centrais do método etnográfico, é importante ressaltar algumas especificidades, pois não ocorrem a simples adaptação de mundo off-line para o online (Amaral, Natal e Viana, 2008 *apud* Polivanov, 2014).

Ao pensarmos na netnografia, entendida aqui como uma “metodologia de pesquisa qualitativa que adapta técnicas da pesquisa etnográfica para o estudo de culturas e comunidades emergindo através das comunicações mediadas por computador” (Kozinets, 2002 *apud* Polivanov, 2014, p. 67), Silva (2015) defende que ela é uma forma especializada de etnografia capaz de compreender e representar

fenômenos culturais na *Internet*. Sua abordagem é adaptada para estudar fóruns, grupos de notícias, *blogs*, redes sociais digitais, entre outros. Segundo Kozinets (2002 *apud* Rocha; Montardo, 2005), a netnografia é um método amplamente utilizado por pesquisadores nas áreas de comunicação, *marketing*, antropologia e sociologia³.

Em relação à escolha do método etnográfico, devemos ter em mente que ele apresenta que a antropologia deve estudar a contemporaneidade e, inclusive, os espaços digitais (Augé, 1994). Corroborando com essa premissa, Rocha e Montardo (2005, p. 11) afirmam que:

É pertinente compreender que e passa por um período de transição da modernidade para a pós-modernidade, e considerar os indicativos de tal mudança. Na (re)formulação das variáveis contemporâneas, se manifestam as cristalizações sociais, tecnológicas, políticas e econômicas, que constituem as formas “formantes” que influenciam o fundo e o imaginário da atualidade. Os usuários dos não-lugares estão produzindo e sendo alimentados pelo imaginário da cibercultura (Rocha; Montardo, 2005, p. 11).

A netnografia permite reduzir as barreiras de tempo e espaço ao estudar os grupos sociais conectados à *Internet*. Esses grupos podem existir tanto on-line quanto off-line, e a abordagem etnográfica possibilita uma investigação detalhada e observacional desses fenômenos (Silva, 2015). Faz-se necessário acrescentar que a netnografia tem a possibilidade de desempenhar um papel crucial no estudo da estética do corpo da mulher gorda publicizado pela *Internet*. Ao analisar as interações e representações on-line, será possível compreender como as mulheres gordas são retratadas, como se relacionam com sua imagem corporal e como constroem sua identidade. Isso contribui para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, promovendo uma maior inclusão e aceitação da diversidade corporal.

Antes de dar continuidade ao nosso estudo, ressaltamos a necessidade de realizar uma breve retrospectiva histórica sobre as representações sobre o corpo, a mulher e a estética. Os estudos contemporâneos sobre o físico humano se fortaleceram após a proposta apresentada por Merleau-Ponty (2008 *apud* Lemos; Oliveira; Meihy, 2015). O autor afirma que para diversos pensadores do século XIX, o corpo era um mero pedaço de matéria, um feixe de mecanismos, porém, no século XX, foi restaurada a compreensão da carne, isto é, o corpo como algo animado (Merleau-Ponty, 2008 *apud* Lemos; Oliveira; Meihy, 2015). Após isso, as metamorfoses das representações corporais ao longo da história tornaram-se um campo importante para reflexões interdisciplinares e, fundamentalmente, para entender melhor a sociedade (Lemos; Oliveira; Meihy, 2015).

³ Ao pensarmos na pesquisa etnográfica no Brasil, é necessário citar o estudo realizado pela pesquisadora Simone Pereira de Sá (2002), cujo texto *Netnografias nas redes digitais* enfatiza uma metodologia focal, experimental, detalhista e interpretativa. A pesquisa é baseada em uma negociação construtiva entre o pesquisador e o pesquisado, permeada por sentimentos, emoções, afetos, surpresas e incertezas durante eventos como encontros, festas, ensaios de quadra e desfiles de Carnaval. A pesquisadora realiza o monitoramento de sites relacionados à comunidade carnavalesca, o objeto de sua pesquisa e local de observação (Rocha; Montardo, 2005).

O corpo tem sido objeto de estudo em diversas áreas, como na biologia, antropologia e sociologia, além de ser explorado esteticamente e politicamente. A arte também oferece visões sugestivas que podem ser analisadas, esteticamente e academicamente (Pareyson, 1984 *apud* Lemos; Oliveira; Meihy, 2015). As artes plásticas são uma fonte valiosa para estudar a reinvenção social do corpo humano, seja na escultura, na pintura, na fotografia ou no cinema. Especialmente na modernidade, as manifestações pictóricas moldaram padrões que refletiam o corpo feminino como um protótipo a ser seguido. No entanto, há aspectos pouco explorados sobre a mulher como modelo de atenção, como a dessacralização ou erotização feminina e, ainda, a conexão das mulheres com outras formas de arte.

A escultura em pedra foi a primeira forma artística a retratar a mulher, especialmente por meio das figuras conhecidas como *Vênus*, como as de *Willendorf*, *Lespugue* e *Laussel*, com mais de 20 mil anos. Essas representações vinculavam o feminino ao conceito de beleza e à reprodução da espécie. O reconhecimento dessas obras levanta questões provocativas sobre o controle masculino e o exercício do poder, inclusive no campo das artes, onde a estetização pode ser vista como um mecanismo de dominação significativo (Lemos; Oliveira; Meihy, 2015). No passado, mulheres com seios grandes e quadris largos eram consideradas esteticamente atraentes devido ao seu papel social como mães. A abundância de gordura era associada à fertilidade e à função materna. Somente mais tarde, a obesidade passou a ser relacionada a problemas de saúde e a questões sociais negativas (Perrot, 1998 *apud* Lemos; Oliveira; Meihy, 2015). Ao longo dos séculos, a demonização da mulher gorda passou a ser representada nas artes, em outros termos, houve uma transição da valorização da mulher como mãe para a imposição do padrão magro como sinônimo de beleza (Lemos; Oliveira; Meihy, 2015).

Durante o Renascimento, Leonardo Da Vinci (1452-1519) e outros pintores retrataram as *Madonnas* como um símbolo de uma nova era, representando a figura feminina e os nascimentos. Essas representações da Virgem Maria amamentando ou acariciando o filho refletiam a ideia de uma mãe saudável e bela. No entanto, a repetição excessiva desses temas religiosos acabou esgotando o significado religioso da arte, transformando-a em mercadoria. Da Vinci se destacou como um dos principais representantes dessa tendência, criando *Madonnas* com uma estética equilibrada e simétrica (Lemos; Oliveira; Meihy, 2015). Outro pintor a ser destacado foi Petrus Rubens (1577-1640), que, ao retratar a maternidade, trouxe para sua própria vida os elementos sagrados da tradição renascentista. Além de pintar temas bíblicos e mitológicos, ele também representou cenas do cotidiano, incluindo mulheres gordas. Sua esposa, Helena Fourment, foi retratada várias vezes como mãe, fora do contexto sagrado. Vale destacar que Rubens valorizava a obesidade como sinônimo de saúde e beleza (Lemos; Oliveira; Meihy, 2015).

No século XVIII houve uma mudança gradual e silenciosa na concepção de beleza em relação à obesidade. Sob as influências da época, as formas femininas passaram a ser padronizadas de maneira

menos abundante, afastando-se do foco na maternidade. A gravidez deixou de ser vista como sagrada ou profana, dando lugar a um novo papel para as mulheres. A partir desse século, as mulheres passaram a evidenciar cinturas finas e gestos elegantes por meio do uso de espartilhos, perucas, adornos pessoais e roupas luxuosas (Lemos; Oliveira; Meihy, 2015). As pinturas do período das Luzes retratavam mulheres mais contidas, com expressões de conhecimento e elegância em vez de santidade ou sensualidade. Além da moda, as mulheres também eram reconhecidas pelas posturas alinhadas aos valores da Ilustração, muitas vezes retratadas segurando livros, instrumentos musicais e objetos científicos. A obesidade deixou de ser considerada esteticamente atraente, exceto nos homens. O Iluminismo marcou uma mudança significativa na história da concepção de feiura. Além disso, os autores e pintores da época ganharam mais reconhecimento por suas obras e referências ao mundo intelectual do que pelo seu nome (Lemos; Oliveira; Meihy, 2015).

No movimento romântico houve uma reação ambígua em relação à representação das mulheres gordas. Enquanto outros pintores retratavam mulheres gordas com certa frequência, combinadas com aquelas modeladas por espartilhos, o movimento romântico optou por “silenciar” as consideradas feias e cultivar a representação de mulheres gordas bonitas. Essa fase, conhecida como a quarta fase das metamorfoses corpóreas das mulheres, embelezou as mulheres gordas ao colocá-las em espaços naturais, como banhos e piqueniques ou, ainda, cuidando de sua própria formosura (Lemos; Oliveira; Meihy, 2015).

A discussão sobre a beleza e suas variações revela transformações culturais ao longo do tempo, onde certas figuras artísticas são consagradas e filtram a presença do corpo conforme os padrões desejados. Algumas obras se destacam como marcos de mudança, enquanto outras seguem variações pequenas sobre o gênero. A arte alimenta tradições e também propõe modelos revolucionários e/ou viradas estéticas. O corpo, em suas diferentes formas de representação, transcende o conceito de beleza e se torna objeto de análise não apenas pela crítica de arte, mas também para o campo da ciência histórica. O corpo “anormal”, “diferente” ou “deformado” como, por exemplo, o corpo “gordo”, foi posto em contraposição ao padrão ideal e cultivado pelas sociedades, com raízes históricas eugênicas.

Apesar das variações e contradições, o diálogo sobre a beleza da mulher em qualquer condição permanece constante (Lemos; Oliveira; Meihy, 2015). Eco (2007 *apud* Lemos; Oliveira; Meihy, 2015) propõe três tipos de feiura: a feiura “em si”, que está ligada a algo não saudável e provoca repulsa, como um corpo em decomposição; a feiura “formal”, que envolve deformidades físicas, cicatrizes ou malformações; e a feiura resultante da combinação estética dos dois casos anteriores, reinterpretada artisticamente e propõe uma nova realidade estética (Eco, 2007 *apud* Lemos; Oliveira; Meihy, 2015).

As representações históricas da arte do corpo feminino gordo, com o início da crítica ao corpo gordo, desempenhou um papel importante na construção e enraizamento da gordofobia na

contemporaneidade. Ao longo dos séculos, a gordura foi associada a estereótipos negativos, como falta de autocontrole, preguiça e ausência de beleza. Essas representações e críticas contribuíram para a marginalização e discriminação das pessoas gordas na sociedade, levando ao desenvolvimento e perpetuação da gordofobia como uma forma de preconceito e discriminação sistêmica, em especial com o advento da Cultura Digital (Coelho; Silva, 2023). O uso das mídias digitais com objetivo de promover a visibilidade de corpos gordos é um fenômeno novo, que requer cautela no momento de análise.

Antes de entrar em contato com uma comunidade on-line, o netnógrafo precisa tomar importantes decisões. Isso inclui definir questões e temas, formular a pergunta de pesquisa e preparar-se para o trabalho de campo como, por exemplo, identificar a comunidade on-line ou o grupo a ser pesquisado. Nesse sentido, é necessário investigar as formas de interação social e comunidades por meio de mecanismos de busca e outras fontes, além de reconhecer o campo e a postura do pesquisador (Silva, 2015).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente artigo surge da necessidade de diálogo dentro do campo acadêmico das licenciaturas sobre o uso das mídias sociais digitais e seus impactos na vida em sociedade, particularmente o discurso de ódio gordofóbico. De acordo com a pesquisadora, ativista e jornalista Agnes Arruda⁴, a gordofobia geralmente é posto como um preconceito contra pessoas gordas, geralmente associado à questão estética, mas é mais profundo do que isso. Ela retroage em vários ambientes, segregada do convívio social, familiar, mercado de trabalho, limitando a vida social da pessoa (Garcia; Vidica; Brito, 2022). Os autores afirmam, ainda, que se trata de um preconceito institucionalizado, visto que faz parte da socialização, da família, da escola, do Estado, da Igreja e, sobretudo, das mídias sociais digitais. O corpo gordo geralmente é visto como não digno de liberdade. Liberdade de usar roupas que desejam deixar o corpo a mostra, como se corpos gordos tivessem que ser escondidos pela gordura ser uma afronta contra a padronização estimulada sócio e culturalmente.

Na atualidade, as redes sociais digitais operam e são operadas configurando-se como espaços de conhecimento e divulgação de ideias. Por isso, elas representam uma pedagogia cultural e produzem, dessa forma, novos modos e estilos de viver em sociedade. Nas plataformas digitais tem-se certa naturalização de temas como gordofobia, racismo, antissemitismo, xenofobia, homofobia, entre outros. Nelas também são produzidos significados imbricados em relações de poder. Nesse sentido, para fins

⁴ Disponível em> <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/gordofobia-nao-e-mimimi-e-preconceito-institucionalizado-diz-pesquisadora/#:~:text=Gordofobia%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20E2%80%9Cmimimi%20E2%80%9D%2C%20%C3%A9%20preconceito%20institucionalizado%2C%20diz%20pesquisadora,-%C3%80%20CNN%20R%C3%A1dio&text=A%20gordofobia%20%C3%A9%20um%20termo,ativa%20e%20jornalista%20Agnes%20Arruda> Acessado em> 10 abr. 2024

de realização desta pesquisa, a netnografia nos auxiliou no mapeamento das dinâmicas nos processos de comunicação entre os seguidores e não seguidores de determinados perfis. Para tanto, foi realizada a análise de dados na plataforma digital *Instagram*. Durante a pesquisa, selecionamos a página intitulada “Movimento Corpo Livre⁵”, a qual se propõe ao fortalecimento identitário dos corpos gordos e conta com mais de 518 mil seguidores.

A página “Movimento Corpo Livre” não diz apenas sobre a estética do corpo, mas de toda a concepção que envolve ser um corpo, principalmente um corpo feminino, que é tão visado com estereótipos e preestabelecimentos de padrões fortalecidos pelo machismo enraizado e estruturado na nossa sociedade. “Movimento Corpo Livre” defende que os corpos têm direitos de estarem e interagirem no espaço que desejarem. A página traz diálogos sobre o empoderamento do corpo gordo não romantizado e as dificuldades de se viver em uma sociedade gordofóbica.

As imagens analisadas foram de publicações inteiramente voltadas ao fortalecimento identitário de corpos gordos, empoderamento, apreço pela autoestima de mulheres que participam da “#GaleriaCorpoLivre”. As mulheres postam suas fotos com a *hashtag* e a página seleciona essas imagens e adiciona ao rolo de fotos publicadas no perfil da página. São mulheres desnudando a gordofobia e reagindo ao preconceito com maestria, deixando explícito que se sentem bem com o corpo que possuem. O fato de serem gordas não as limita e, principalmente, reforça o posicionamento de que todas as mulheres – independentemente do peso que tenham – podem e devem valorizar a beleza que possuem.

Marcas famosas utilizam o *Instagram* para a promoção de bens de consumo em corpos padronizados, então, por qual motivo não utilizar a mesma plataforma para dar visibilidade a corpos reais, gordos?. Isso possibilita o reconhecimento de outras mulheres como agentes de sua própria história. O empoderamento pode trazer mudanças no cenário e possibilitar transformações como: mulheres não padronizadas protagonizando propagandas, visibilidade para mulheres reais. Vejamos algumas capturas de telas da referida página de *Instagram*.

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/movimentocorpolive/>. Acesso em: 10 abr. 2024

Figura 1 – Empoderamento Nu



Fonte: Captura realizada a partir da página do *Instagram* @movimentocorpolivre (2023).

A *#GaleriaCorpoLivre* trazer uma mulher gorda, negra e nua é uma visibilidade ímpar. O empoderamento que essa publicação trás refere-se não apenas para quem está na imagem, mas também para outras mulheres que encontram nessa página um lugar para serem elas e se encontrarem com mulheres que passam pelas mesmas situações. É uma imagem que transmite o íntimo da mulher fotografada, nua, despida de conceitos e pré-conceitos. É uma mulher se sentindo linda como é, enaltecendo o seu eu por meio de uma fotografia.

Figura 2 – Riso, Largo, Riso



Fonte: Captura realizada a partir da página do *Instagram* @movimentocorpolivre (2023)

Já a Imagem 2 transmite a leveza que essa mulher sente sendo ela, se sentindo bem em expor quem realmente é sem necessidade de mascarar o seu peso. Uma mulher de riso largo, que traz em suas mãos a parte principal da fotografia, a mensagem que deseja transmitir, “PARE DE SE ODIAR”, que tem uma mulher gorda em sua capa. Quase um alerta que podemos interpretar como: Mulheres parem de se prender aos estereótipos estabelecidos por aí e sejam felizes como são! Se soltem, amem a si mesmas, sorriem largo e se joguem para a vida! O riso de quem se ama como é, respeita o corpo que tem e encoraja outras mulheres a fazerem o mesmo.

Figura 3 – Corpo de Praia



Fonte: Captura realizada a partir da página do *Instagram* @movimentocorpolivre (2023)

A imagem 3se encontra em postagem carrossel. A seleção dessa imagem foi com base em uma fala muito presente nas mídias digitais, “estar no corpo do verão”, “corpo de praia” e associar ambas com um corpo esteticamente magro e que corresponda aos padrões promovidos pelos *marketings* comerciais com a padronização da beleza: magreza. Todos os corpos são corpos do verão e de praia. A página “Movimento Corpo Livre” provoca essa discussão nas mídias digitais e, com a quantidade de seguidores que o perfil possui, ela tem a capacidade de proporcionar uma abertura para que haja diálogo entre o que é estabelecido por padrões e em como a realidade diverge disso.

Mulheres devem se sentir bem em usar roupas de banho independentemente do tamanho que vistam, se sentirem bem ao postarem fotos de momentos felizes sem sofrerem retaliações por estarem mostrando seus corpos como realmente são. Essa construção se faz possível a partir do momento em que elas se veem nas publicações de outras mulheres se sentindo à vontade em expor seus corpos, e a página “Movimento Corpo Livre” abre espaço para tal visibilidade.

A figura analisada abaixo é uma publicação que contém o desabafo de uma mulher que sofre com a gordofobia, e utilizou o espaço das mídias digitais para se expressar e, de certa forma, a encontrar apoio.

Figura 4 – Desabafo X Gordofobia



Fonte: Captura realizada a partir da página do *Instagram* @movimentocorpolivre (2023)

Trata-se de uma mulher norte-americana. Na postagem, os administradores da página colocaram legendas traduzindo todo o conteúdo do vídeo em letras em caixa alta, como forma de chamar atenção à seguinte explicação sobre o conteúdo. “Brooklyn Kennedy usou uma rede social para desabafar sobre o sentimento de que as pessoas só se interessam pelas outras por conta do tamanho do corpo. Ela continuou sua indignação, falando que esse tipo de amor é limitado, e que ela não sabe amar assim”. E ainda continuam com uma reflexão: “As palavras de Brooklyn refletem na vida de milhares de pessoas que não se encaixam nos padrões estéticos da sociedade. Que o amor que ela acredita ecoe, ensinando que o corpo que você ama pode mudar, mas o coração será o mesmo!”.

Quadro 1 – Postagens selecionadas

FIGURAS	COMENTÁRIOS
---------	-------------

Figura 1	“Que alegria compor essa galeria tão linda!”; “Maravilhoso, entender q O CORPO ou UM CORPO é qualquer corpo, inclusive o de Homem, lindo ver pessoas q se escondiam por problemas de pele, hoje postar toda a delícia de SER”; “Ahhh mais que honra estar nessa galeria maravilhosa, com pessoas mais maravilhosas ainda! Obrigada @movimentocorpolive é exatamente sobre isso! Sermos livres!”.
Figura 2	“Só gente gostosa nesse perfil amooooo ❤️”; “TRAAAAA! Trem da beleza passando pra começar a semana 😊❤️”.
Figura 3	“Qdo vejo mulheres como as duas lindas do vídeo, penso como elas devem ser pessoas bacanas! Me passam uma sensação tão boa q me dá vontade d ser amiga delas!! 😊”; “Que honra!!!! Vcs me ajudaram e me ajudam tanto nesse processo! Só gratidão!!! 🥰🥰🥰”; “Não são corpos, são pessoas!”; “Doses de inspiração diária ❤️”; “O sol é para todos os corpos! Todo mundo gosta de sol na pele e não é justo que alguns tenham que esconder sua pele para não ferir sensibilidades. Todos os corpos são obras de Deus, então respeito ao que foi criado por ELE!”
Figura 4	“Essas pessoas são incríveis kkkkk querem ser amadas mas não querem fazer sacrifícios é um amor unilateral o outro tem que aceitar mas ela não tem disposição para mudar por esse teu amor que ela procura😊.”; “Minha luta da vida toda: olhem pra o meu ❤️, se dê uma chance de me conhecer, não me julgue só pelo que eu sou por fora...Mas... <i>people don't care.</i> ”; “Meu lugar de fala é o que é magra e não se sente tão atraente porque não é “gostosa (seios e bunda grande), além das comparações com relação ao cabelo e sorriso...”

Fonte: Comentários retirados a partir da página do *Instagram* @movimentocorpolive (2023)

Em um comentário na postagem da Figura 4, uma mulher se identificou e compartilhou o momento em que também sofreu com a gordofobia. No comentário, podemos perceber que o objetivo foi proporcionar o empoderamento das mulheres gordas:

Minha família é extremamente gordofóbica. E ouvi diversas vezes da minha mãe que eu encontraria alguém que me amasse mesmo eu sendo gorda, como se isso trouxesse algum conforto. Bom, a real é que eu quero distância de quem me ama APESAR DE qualquer coisa, porra. Quem me ama, ama tudo em mim e me acha uma delícia. Esse negócio de amar apesar de, de falar que “não liga” pra corpo quando tá conhecendo alguém gordo, olha... Se não for pra me achar uma delícia da cabeça aos pés, pode vazar. Meu namorado é completamente apaixonado pelo meu corpo e mais apaixonado ainda por quem eu sou. É sobre isso. E ninguém deveria aceitar menos porque a solidão é menos cruel do que saber que alguém te quer APESAR DE.

Ressaltando a necessidade de medidas legais a serem tomadas diante do cenário caótico de propagação do discurso de ódio nas redes sociais digitais. Desta forma, podemos questionar: Como os professores de História podem discutir tal tema e propor projetos voltados para o combate ao discurso de ódio gordofóbico?

Instituído em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) tem como característica principal a abordagem de temas interconectados com a realidade brasileira. Durante os últimos 24 anos de ENEM, apenas em três ocasiões a redação propôs temas referentes ao abordado nessa pesquisa,

vejamos: em 2004 “Como garantir a liberdade de informação e evitar abusos nos meios de comunicação”; 2011 “Viver em rede no século XXI: os limites entre o público e o privado”; e em 2018 “Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na *Internet*”⁶. É um tanto questionável que um assunto tão atual e relevante seja tão pouco discutido na área da Educação Básica, pois segundo Costa Júnior (2023), a educação é uma ferramenta fundamental para enfrentar os desafios da sociedade da informação e do conhecimento que está pautada pela hiperconectividade.

A dificuldade na seleção de dados pertinentes para análise da pesquisa nas plataformas digitais pode proporcionar bons diálogos acadêmicos não só nos momentos de orientação, mas também nos momentos de extensão, que é o momento em que as pesquisas têm a oportunidade de dialogar com a comunidade. Para nós, da área da licenciatura em História, utilizar as mídias sociais digitais como objeto de pesquisa é algo novo, podendo dizer, inovador. No que tange o cerne desta pesquisa, a página “Movimento Corpo Livre” possibilita ao historiador uma fonte ímpar para o trabalho em sala de aula. Imagens e relatos de pessoas famosas e não famosas sobre a imagem estética e a gordofobia se fazem presentes no cotidiano dos jovens.

Para nortear essa discussão, podemos dialogar com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/ 1996), a BNCC é responsável por indicar o caminho curricular para sistemas de ensino, tanto públicas quanto privadas. As competências descritas no item 5 da BNCC – referente às ciências humanas e sociais aplicadas para o Ensino Médio – são fundamentais para justificar que a gordofobia e o discurso de ódio sejam trabalhados em sala de aula.

5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os direitos humanos (BRASIL, 2018).

No item 6 encontramos outros elementos que endossam a justificativa para que tais temas sejam abordados em sala de aula, pois as competências específicas de ciências humanas e sociais devem:

6. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2018).

Durante a leitura da BNCC, pode-se destacar habilidades que as ampliam. Segue abaixo um quadro com essas habilidades elencadas para que se possa ter uma visão detalhada do que cada uma tem a contribuir:

⁶ Disponível em: <https://blog.mackenzie.br/vestibular/atualidades/redacao-do-enem-veja-os-temas-ja-abordados/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

Quadro 2 – Habilidades da BNCC

EM13CHS501	Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.
EM13CHS502	Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
EM13CHS503	Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.
EM13CHS504	Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

Fonte: Quadro adaptado (BRASIL, 2018).

Com base no exposto, defendemos a necessidade e urgência do diálogo entre o ambiente educacional e as mídias digitais. Ressaltamos, inclusive, que cabe aos educadores humanísticos e sociais o aperfeiçoamento nas práticas docentes para que o ensino das unidades educacionais não fique restrito apenas ao conteúdo decoreba, mas que o que for compreendido em sala de aula se reverbere de formas positivas também nas práticas cotidianas do discente.

CONCLUSÃO

Com a presença das mídias digitais cada vez mais imponentes no cotidiano da sociedade, as questões rotineiras são inseridas de forma mais contundente no dia a dia das pessoas. Para compreender mais profundamente esses impactos, a netnografia oferece a oportunidade de trazer a problemática do combate ao discurso de ódio gordofóbico nas redes sociais digitais (*Instagram*), assim como pode oferecer possibilidades para o campo de formação do professor de História. Entendemos que nossa pesquisa contribuiu com esse debate, pois apresentamos alguns apontamentos históricos sobre a construção do discurso de ódio gordofóbico e, concomitantemente, apresentamos o perfil “Movimento Corpo Livre” como campo de luta contra a gordofobia e de empoderamento de corpos gordos.

A proposta deste artigo foi a promoção da democratização na discussão sobre o discurso de ódio nas redes sociais digitais e, também, como o Ensino de História – frente as habilidades apontadas na BNCC – tem a possibilidade de se tornar um ponto de partida para combater os discursos gordofóbicos. Entendemos que a docência possui infinitas possibilidades para problematizar os discursos de ódio e fortalecer a identidade de seus alunos. Conscientização é a chave para que

professores das mais diversas áreas do conhecimento possam começar a inserir na docência e no desenvolvimento de projetos voltados contra qualquer discurso de ódio.

AGRADECIMENTO

Essa pesquisa foi desenvolvida com recursos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

REFERÊNCIAS

AUGE, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acessado em: 10 abr. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. **Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil**. Brasília: Diário Oficial da União, 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/112965.htm. Acesso em: 14 set. 2023.

BRASIL. **Projeto de Lei n. 7582/2014 apresentado no dia 20 de maio de 2014 na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC)**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=616270> Acessado em: 10 abr. 2024

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Mec, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 05 de nov. 2023.

BRUGGER, W. Proibição ou Proteção do Discurso do Ódio? Algumas Observações sobre o Direito Alemão e o Americano. **Direito Público**, v. 4, n. 15, 2010. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/1418>. Acesso em: 14 set. 2023.

COELHO, G.L.S.; SILVA, L. G. M. da. Cultura digital, games e educação histórica: interfaces a partir da netnografia. **Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP**, v. 6, n. 12, 2023. DOI: 10.34024/hydra.2023.v6.14425. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/14425>. Acesso em: 22 mar. 2024.

COSTA JÚNIOR, J. F. A importância da educação como ferramenta para enfrentar os desafios da sociedade da informação e do conhecimento. **Convergências: estudos em Humanidades Digitais**, [S. l.], v. 1, n. 01, p. 127–144, 2023. DOI: 10.59616/conehd.v1i01.97. Disponível em: <https://periodicos.ifg.edu.br/cehd/article/view/97>. Acesso em: 14 set. 2023.

GARCIA, M.; VIDICA, L.; BRITO, L.. **Gordofobia não é “mimimi”, é preconceito institucionalizado, diz pesquisadora**. CNN BRASIL, 2022. Disponível: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/gordofobia-nao-e-mimimi-e-preconceito-institucionalizado->

[diz-pesquisadora/#:~:text=Gordofobia%20n%C3%A3o%20C3%A9%20E2%80%9Cmimimi%E2%80%9D%2C%20C3%A9%20preconceito%20institucionalizado%2C%20diz%20pesquisadora,-%C3%80%20CNN%20R%C3%A1dio&text=A%20gordofobia%20C3%A9%20um%20termo,ativista%20e%20jornalista%20Agnes%20Arruda](#). Acesso em: 17 mar. 2022.

LEMOS, A. P. S.; OLIVEIRA, J. H. C.; MEIHY, J. C. S. ARTE E OBESIDADE: Tempos estéticos do corpo feminino. **Almanaque multidisciplinar de pesquisa**, v. 1, p. 139–153, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/amp/article/view/3128/1535>. Acesso em: 4 nov. 2023.

MATTOS, S. A. S. **Revolução digital e os desafios da comunicação**. Cruz das Almas: EDUFRB, 2013.

MOURA, M. A. **O Discurso do ódio em Redes Sociais**. São Paulo: Lura Editorial, 2016.

MOVIMENTO CORPO LIVRE. Instagram, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/movimentocorpolive/?igshid=NzZhOTFIYzFmZQ%3D%3D>. Acesso em: 13 set. 2023.

SÁ, S. P. de. “Netnografia”s nas redes digitais. IN: X COMPÓS- UnB, Brasília, 2002.

PERRONE, C. M.; PFITSCHER, M. A. Discurso de ódio na internet: algumas questões. **REDISCO - Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo**, v. 10, n. 2, p. 146-154, 2016. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2527> Acessado em: 10 abr. 2024

POLIVANOV, B. B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, v. 1, n. 3, 16 jul. 2014. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621>. Acesso em: 3 nov. 2023.

POTIGUAR, A. L. **Discurso do ódio no Estado Democrático de Direito: o uso da liberdade de expressão como forma de violência**. 2015. 196 f. Tese (Doutorado em Direito) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/20702?locale=en>. Acesso em: 14 set. 2023.

ROCHA, P. J.; MONTARDO, S. P. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. **E-Compós**, v. 4, 2005. DOI: 10.30962/ec.55. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/55>. Acesso em: 3 nov. 2023.

SENA, M. R. A ilegitimidade do discurso do ódio como expressão por líderes religiosos. **Convergências: estudos em Humanidades Digitais**, v. 1, n. 01, p. 196–212, 2023. DOI: 10.59616/conehd.v1i01.88. Disponível em: <https://periodicos.ifg.edu.br/cehd/article/view/88>. Acesso em: 14 set. 2023.

SILVA, S. A. Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 38, n. 2, p. 339–342, jul. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/bbtrxdV3v8bwyFwsMxKGVvg/?lang=pt>. Acesso em: 3 nov. 2023.